

TERESA RITA LOPES
TEATRO REUNIDO

II



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES

ESSE TAL ALGUÉM

[2001]

ESSE TAL ALGUÉM

PERSONAGENS:

ELE ou ELES, personagem ou personagens masculino(s)

ELA ou ELAS, personagem ou personagens feminina(s)

SEMICORO 1 (feminino), como nas tragédias gregas, funcionará paralelamente a Semicoro 2. O encenador decidirá sobre o que será dito em coro ou em solo

SEMICORO 2 (masculino), mesmo funcionamento que o anterior

MODO DE USAR

Ao princípio era o par: Ele e Ela. Os diferentes papéis femininos e masculinos poderão ser, todos, assumidos por dois únicos actores, um homem e uma mulher. Mas se o encenador preferir, é livre de desdobrar cada Ele e cada Ela em vários outros e outras. (Cada ser é sempre, afinal, uma inflorescência de seres...)

Noutro plano do palco, alguém da cortina — ou fora dele —, deverão funcionar dois Semicoros, um masculino e outro feminino, paralelos. As suas túnicas e o seu comportamento devem remeter para a tragédia grega.

As presenças dos dois Semicoros devem afirmar-se diferentemente, apesar da sua complementaridade: as falas dos homens são mais discursivas, sentenciosas mesmo, às vezes; as das mulheres, mais líricas, predominando a actuação em solo. O encenador decidirá sobre a repartição das falas, em solo ou em coro.

Cada cena desta proposta de espectáculo tem vida própria. Este conjunto de cenas pode, por isso, ser diferentemente baralhado, e dado — embora a sequência apresentada vise um determinado dinamismo. Admite-se, porém, que o encenador experimente criar um dinamismo diferente.

Também os entreactos têm uma certa independência e podem ser, por isso, manipulados da mesma forma — embora, tal como são apresentados, funcionem como comentários às cenas anteriormente apresentadas.

CENA I

Um bonecreiro prepara as suas marionetas de cordel para o espectáculo de feira que se vai seguir. São dois bonecos, uma Ela e um Ele, que o homem vai ajeitar no teatrinho em que os vai exhibir. O homem ajusta os cordelinhos aos dedos e esconde-se atrás do pano que o encobre do público. Ouvem-se as três pancadas de Molière: quando o pano do teatrinho abrir, devagar, fechará o do teatro a valer, em que estamos. O público deverá aperceber-se desse paralelismo.

ENTREACTO 1

SEMICORO 1:

Fui ao mar buscar laranjas,
coisa que o mar nunca deu,
coisa que o mar nunca deu,
coisa que o mar nunca deu.¹

É verdade!
Ando sempre neste desassossego de procurar nas árvores
as conchas que lá não vivem
e de buscar nas ondas
os frutos que elas não dão.

¹ Estes versos de uma quadra tradicional são cantados.

Porquê?

E por que é que a minha voz tem que se contar
interminavelmente

e que cantar, às vezes?

A quem digo *tu*?

Quem és tu, esse *tu*, com quem falo?

Por quem espero?

Com quem sonho?

Quem és tu que me obrigas a sonhar contigo?

Será que também eu serei teu sonho?

Quero ver-te! Mostra-te! Tu que me sonhas,

se é que me sonhas,

acorda!

Às vezes estou tão farta de ti

que te oiço ressonar como um

velho marido.

E tenho vontade de te abanar,

para que acordes e me deixes dormir!

O pior é que se sou teu sonho e se acordas

eu morro! Eu deixo de existir!

Ah não!

Não quero morrer ainda! Tenho tanta coisa por fazer!

Tantos vestidos por estrear! Tantos amores por viver!

Não acordes, por Deus!

Isto é: por Ti!

Não acordes! Sonha-me um bocadinho mais!

Entretém-te comigo mais um pouco!

Não me deixes morrer!

Vou cantar uma canção para embalar o teu sono!

(Canta, de novo, os versos do início.)

SEMICORO 2:

Não sei que deus absurdo nos manipula assim
como fantoches de cordel.

O pior de tudo é que nos condenou a amá-lo cegamente
através dos efémeros parceiros que nos põe
no caminho.

Será o amor um faz-de-conta?

Será toda a vida um faz-de-conta?

Quem nos põe a amar, a sofrer, a morrer,
como quem brinca?
De quem somos brinquedos?

Será melhor não sabermos?
Não pensar?
Tem que ser!
Vamos brincar à vida!

CENA II

Em cena, quando o pano abre, os dois actores podem simular as duas marionetas a tomar posição e a equilibrar-se nos fios. Um jorro de luz, e de música, incide sobre Ele, que se anima e se vai deitar numa cadeira reclinada, ao centro. Ela permanecerá, por enquanto, na sombra — até ser chamada a intervir: ou, nesta cena, a representar os papéis femininos, se o encenador assim o entender, ou apenas nas outras, em que detém o papel principal.

Um homem, como outro qualquer, está reclinado num divã que deve fazer lembrar o do psicanalista. Assim permanece longo tempo, até o silêncio se tornar penoso. Então senta-se, num ímpeto, e o divã toma a forma de uma cadeira — a da barbearia em que o homem se instala.

ELE — Tudo começou naquele dia na cadeira do barbeiro. De repente, vi a mulher da minha vida! Dei um pulo tal na cadeira que o homem até se assustou: «Que bicho lhe mordeu? Olhe que lhe ia cortando as goelas!» Disfarcei: «Ah! foi uma cãibra!» E aquietei-me, a contemplá-la. Sim, porque não corri para a rua, de cara ensaboada, atrás duma mulher que, de repente, vi passar... Nada disse: ela estava mesmo ali, diante de mim, quase nua, uns olhos azuis muito claros, rasgados, umas pernas altas, morenas, uns beicinhos gordinhos, como passarinhos, e uns seios muito cheios, a rimar com os beiços... Era a menina do calendário! (*Solução.*)

Perdão! Perdão! Quando me emociono muito fico com o tique de dizer tudo em verso. E se meto para dentro, fico assim com soluços... Perdão. Já vai passar. Que não recalque as minhas inspirações?

Mas eu não me posso pôr assim a fazer versos em voz alta, diante de toda a gente! Se eu fizesse isso no escritório, o patrão despedia-me logo: achava que eu tinha ficado maluco! Isto passa, não tem importância. Já passa. O que não me passava naquele dia era o estonteamento em que fiquei quando a descobri, na parede. Parecia fulminado por aqueles olhos zarcos! «Prontinho!», disse-me o barbeiro a enxotar-me da cadeira com a toalha como a uma mosca varejeira. Levantei-me, que remédio, eternizando o gesto de procurar o dinheiro na algibeira, com os olhos postos nela... Mas, num repente, sentei-me outra vez e pedi:

«Cabelo!»

«Como, cabelo? Ainda na semana passada lho cortei!»

«Mais curto, corte mais curto!» O barbeiro repôs a toalha e empunhou a tesoura. «Que lindo calendário! Onde é que o comprou?», perguntei eu, como quem não quer a coisa.

«Não o comprei, deram-mo.»

«Quando?»

«Está aí desde o princípio do ano... Trouxe-mo de França o meu cunhado que é emigrante.»

«Só agora reparei... A miúda é castiça... Tem cá uns olhos...»

«Olhe que para o meu gosto ainda tem outras coisas melhores...»

«Sabe como se chama?»

«Sei lá... Ela quase que fala mas nunca disse nada... E mesmo que falasse eu não percebia: deve falar franciú...»

Ela então riu-se para mim e sussurrou ao meu ouvido: «Sílvia! Dei outro pulo na cadeira e o barbeiro tornou a assustar-se:

«Oh homem! Ia-lhe cortando a orelha, veja se está quieto!»

Aquietei-me. Mas olhar para ela fazia doer: toda ela se ria — aqueles olhos, aqueles beicinhos, aqueles peitinhos... Até as pernas riam... Não conseguia despegar os olhos daquele ninho que ela tinha no alto das pernas nuas, um triângulo verde que palpitava com o que tinha lá dentro... Desejei-a com uma tal violência que tive que me tapar com o jornal.

«Não me vende o seu calendário?», arrisquei eu.

«Oh não! Foi uma oferta.»

Nunca roubei nada a ninguém, nem sequer *clips* no escritório, mas decidi imediatamente cortar com o meu passado de homem sério e apoderar-me daquele calendário, desse por onde desse. Nem que tivesse que me esconder na retrete e ficar lá fechado durante a noite. Tentei. A casinha ficava no quintal.

Sentei-me na pia na esperança de que ele se esquecesse de mim. Mas passada meia hora o barbeiro apareceu-me, puxou a porta, que nem fecho tinha — era um fio que se enrolava num prego —, e perguntou-me:

«Está-se a sentir mal?»

Disse que sim e o homem então declarou que ia chamar uma ambulância.

«Não, não vale a pena, já está a passar... Foram umas gambas que eu comi...»

«Ah! Isso com gambas é preciso ter cuidado...»

E, a apertar as calças, lá lancei um último olhar apaixonado à menina do calendário.

No dia seguinte, ao abrir da barbearia, já lá estava eu, à porta. Mal o homem a abriu, saltei para a cadeira e instalei-me:

«Cabelo!»

«Ora essa! Ainda ontem lho cortei!»

«Então barba!»

O homem, desconfiado, lá me escanhou.

Comecei a ir todos os dias fazer a barba à barbearia da minha amada. E quando, no final, não tinha coragem de me arrancar à atracção dos seus olhos, gemia:

«Cabelo!»

«Outra vez?! Já lho cortei duas vezes esta semana!», espantava-se o homem.

«É que agora usa-se muito curto. Ando aí com uma miúda que me quer à moda!», desculpava-me eu.

Assim, cheguei ao Natal com o cabelo quase à escovinha.

Um dia, sentado na cadeira, lembrei-me:

«O seu cunhado não me podia trazer um calendário igual a este, de França?»

«Mas como, se o ano está a acabar?»

No dia 2 de Janeiro, mal entrei na barbearia, sufoquei um grito: já não estava lá o calendário!

Sentei-me, a arranjar coragem para pedir notícias da minha amada. Tinha resolvido negociar a qualquer preço. Ouvi-o dizer: «Prontinho. E Bom Ano!» Mas continuei sentado e a voz só me saiu para implorar:

«Cabelo!»

Mas ele pôs-se a gozar comigo:

«Cabelo já não pode ser, que já não tem nenhum. Só se lhe rapar as sobrancelhas... São os únicos pêlos que lhe restam na cara...»

A uma ideia súbita, saltei da cadeira com tal violência que o homem me ia espetando a tesoura num olho:

«Se me der o calendário velho, arranjo-lhe um novo, da minha firma, com uma agenda e uma caneta de brinde!»

Mas o homem, muito sorna, não quis:

«Afeiçoei-me à pequena, aqui sempre na minha frente... Vou ficar com ela.»

Tive vontade de o estrangular. E percebi pela primeira vez o que era ter ciúmes de alguém. Tive vergonha de mim: ter como rival um borra-botas que às vezes se descuida ao pé dos fregueses e palita os dentes com as unhas!

Saí, furioso, e passei semanas sem voltar. Até que um dia as minhas pobres pernas saudosas me puxaram para a barbearia. Entrei, meio sonâmbulo, e sentei-me na cadeira. Então a mulher do barbeiro apareceu e pediu dinheiro ao marido para ir às compras. O homem parou de me escanhoar e eu aproveitei para perguntar à mulher:

«Então a menina do calendário...?»

«Ah, também a conhece?», estranhou ela.

«Estava aqui na nossa frente...», desculpei-me.

«Vocês os homens são todos o mesmo. Pelam-se por desavergonhadas. Nas mulheres sérias nem reparam!»

O barbeiro piscou-me o olho:

«Aqui a patroa embirra com a miúda...»

«Qual miúda, qual carapuça! O que ela é é uma lambisgóia! E até deve ser pecado, tê-la ali aos pés da cama, em frente da Nossa Senhora que está à cabeceira... Vê lá se tu olhas para a Nossa Senhora! Nem um padre-nosso lhe rezas, nem o pelo-sinal fazes antes de te deitares...»

Aquela briga conjugal abriu horizontes à minha esperança. Recomecei a ir à barbearia e pus-me a estudar os hábitos da mulher do barbeiro, como um ladrão que prepara um assalto. Um dia fiz-lhe uma espera, à saída do supermercado. Ofereci-me para lhe levar o cabaz. Ela aceitou e agradeceu, desvanecida.

Não ataquei logo, porque sou um tímido. Fui fazendo umas perguntas:

«Gosta de viajar? Nunca saiu do país? O seu marido nem sequer a levou a Badajoz?... Para quê?! Que mais não fosse para lhe comprar caramelos! Têm muita fama, os caramelos espanhóis! Ai não diga uma coisa dessas, se ele a ouvisse... Pois é pena, não dar

Fernando Pessoa: Vivendo e Escrevendo (livro de iconografia pessoana; pesquisa, organização e texto de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Assírio & Alvim, coleção «Gato Maltês — Imagem», 1998.

Reminiscências sobre Fernando Pessoa; Coração de Ninguém de Teresa Rita Lopes; uma Celebração da Ode Marítima de Álvaro de Campos: Gravuras de Bartolomeu dos Santos (catálogo de exposição; organização do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e do Instituto de Arte Contemporânea), Lisboa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Instituto de Arte Contemporânea, 1998.

Artigos e prefácios

«Diálogo sobre a actualidade crítica de Gil Vicente entre um Historiador e uma jovem Autora teatral» (artigo-entrevista redigido a quatro mãos por António José Saraiva e Maria Teresa Rita), in *Vértice*, Coimbra, vol. xxv, n.ºs 264-266, Setembro a Novembro de 1965.

«Além, aqui e aquém em Miguel Torga: análise de ‘Vicente’», in *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.º 25, Maio de 1975.

Miguel Torga: Mito, Rito e Disfemismo, Lisboa, Institut Français au Portugal, *Bulletin des Études Portugaises et Brésilienues*, n.ºs 35-36, 1974-1975, 1977 (separata).

«Deuses e homens — Homens e deuses», in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, n.º 1, 1980.

«Initiation au monde clos d’Augustine Bessa Luís», in *Bicéphale*, Paris, Europe Amérique-Latine, n.ºs 7-8, été 1982.

O Encontro de Fernando Pessoa com o Simbolismo Francês, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Colloque: Les rapports culturels et littéraires entre Portugal et la France (1983), 1984 (separata).

«La diffusion de la littérature française au Portugal depuis le xix^{ème} siècle jusqu’au début du xx^{ème} siècle», in *L’enseignement et l’expansion de la littérature française au Portugal*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, 1984 (separata).

Pessoa Hoje: Conhecimento, Inflação (?), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 1984.

«Modernismo e vanguarda» (Teresa Rita Lopes *et al.*), in *Cadernos da Colóquio/Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

«Miguel Torga: l’office pour ‘Un Dieu de terre’», in *Le roman portugais contemporain*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984 (também em separata).

- «Pessoa: ‘O Marinheiro’», in *Revista Comunidades de Língua Portuguesa*, Estudos sobre Fernando Pessoa, São Paulo, Brasil, n.ºs 6-7, 2.º semestre de 1985-1.º semestre de 1986.
- Mário de Sá-Carneiro, *Poésies Complètes* (traduits du portugais par Dominique Touati et Michel Chandeigne, préface par Teresa Rita Lopes), Paris, Éditions de la Différence, «Littérature», 1987.
- A Crise de Pátria e o Regresso à Raiz de Garrett a Pessoa*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1989.
- «Pessoa; hoje», in João Gaspar Simões *et al.*, *Fernando Pessoa. Retrato-Memória*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Secção de Lisboa da Faculdade de Filosofia, colecção «Reflexões», 1989 (também em separata).
- «Pessoa, o ‘criador de anarquias’-‘criador de civilização’», in *Homenagem a António José Saraiva*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990.
- «A Europa de Pessoa e a de Sá Carneiro», in *Fernando Pessoa e a Europa do século xx/et l’Europe du xx^{ème} siècle* (concepção, organização e coordenação de Maria João Fernandes), Porto, Fundação de Serralves, 1991.
- «Pessoa, Mário e o ‘Recado dos Símbolos’», in *Fernando Pessoa e a Europa do século xx/et l’Europe du xx^{ème} siècle* (concepção, organização e coordenação de Maria João Fernandes), Porto, Fundação de Serralves, 1991.
- «A crítica da edição crítica» [dos poemas de Álvaro de Campos, edição de Cleonice Berardinelli], in *Colóquio/Letras*, n.ºs 125-126, Julho-Dezembro de 1992.
- «A Europa frente à América — Encontro e confronto através de Fernando Pessoa e Walt Whitman», in *América: Ficção e Utopias*, Actas do Colóquio, São Paulo, 1992; São Paulo, EDUSP, 1994.
- «Torga, mestre», in *Aqui Neste Lugar e Nesta Hora* (organização de João Camilo dos Santos), Actas do Colóquio, Porto, 1992; Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1994.
- «Camilo, mestre e modelo de Torga», in *Camilo Castelo Branco no Centenário da Morte*, Actas do Colóquio, Santa Bárbara, Califórnia, 1991; Santa Bárbara, Universidade da Califórnia, 1995.
- Fernando Pessoa, *Poesia Inglesa* (organização e tradução de Luísa Freire, prefácio de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Livros Horizonte, 1995.
- «Pessoa ainda por conhecer», in *Revista Comunidades de Língua Portuguesa, Revista Cultural dos Países de Idioma Português*, São Paulo, Portalegre, Brasil, n.º 9, II série, Janeiro-Junho de 1996.
- Fernando Pessoa, *Correspondência Inédita* (organização de Manuela Parreira da Silva, prefácio de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Livros Horizonte, 1996.

- «Pessoa, Cicerone de Lisboa», in *Les Lisboas de Pessoa* (organização de Juan Insúa), Barcelona, Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 1997.
- «Torga e a Portugalidade», in *Sou um Homem de Granito* (organização de Francisco Cota Fagundes), Actas do Colóquio, Universidade do Massachusetts, Massachusetts, 1994; Lisboa, Edições Salamandra, 1997.
- Honoris Causa 1998: Doutoramentos de Eduardo Lourenço de Faria, Luciana Stegagno Picchio, Maria de Lurdes Belchior Pontes* (oração de sapiência por Teresa Rita Lopes), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1999.
- Marta Linel, *Artefactos* (prefácio de Teresa Rita Lopes), s. l., Mythus et Ritus, 1999.
- «La littérature portugaise, intimiste et cosmopolite / A literatura portuguesa, intimista e cosmopolita», table ronde présidé par Eduardo Prado Coelho, in *Actes du Colloque Portugal, rêve et découvertes / Portugal, Sonho e Descobertas*, sous la présidence de Mário Soares, Paris, La Sorbonne, 2 mars 1999; Paris, Syndicat National de l'Édition, 2000, pp. 15-32.
- «Le 'nationalisme cosmopolite' de Pessoa et Borges», in *Literatura e Pluralidade Cultural* (coordenação de Isabel Allegro Magalhães, João Barrento, Silvina Rodrigues Lopes e Fernando Cabral Martins), Actas do 3.º Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Lisboa 1998; Lisboa, Edições Colibri, 2000 (também em separata).
- «Sobrevoando a obra de Manuel Alegre», in *Homenagem a Manuel Alegre. A Língua Mãe e a Paixão de Aprender*, Porto, Actas do 4.º Encontro de Professores de Português, 6 e 7 de Maio de 1999; Porto, Areal Editores, 2000.
- «A poesia de António Gedeão», in *Les langues néo-latines, IV Journée de réflexion sur les auteurs des programmes des Concours d'agrégation et du Capes de portugais, session de l'année 2001, organisée par l'ADEPBA et la Société des Langues Néo-Latines, 17 novembre 2000, avec le concours de l'Institut Camões et de la Fondation Calouste Gulbenkian, supplément au n° 315, 2000.*
- «L'imaginaire portugais entre la racine et le bateau», in *Portugal, rêve et découvertes*, Actes du Colloque, sous la présidence de Mário Soares, Paris, La Sorbonne, 2 mars 1999; Paris, Syndicat National de l'Édition, 2000.
- João Rui de Sousa, *Os Percursos, as Estações* (prefácio de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Ara-Publicações Dom Quixote, 2000.
- «Em vez de prefácio», in Ana Paula Guimarães, *Nós de Vozes. Acerca da Tradição Popular Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

- Luís Machado, *À Mesa com Fernando Pessoa* (prefácio de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Pandorra, 2001.
- «Pessoa, cidadão da língua portuguesa», in *Revista Comunidades de Língua Portuguesa*, Antologia, Pessoa Revisitado; Colóquio do Centro de Estudos Fernando Pessoa, 7.º Encontro Internacional, 18, 19 e 20 de Maio de 2001; São Paulo, Brasil, n.º 16, II série, Julho de 2001.
- Catherine Dumas, *Estética e Personagens nos Romances de Agustina Bessa Luís: Espelhismos* (prefácio de Teresa Rita Lopes), Porto, Campo das Letras, Campo da Literatura, 2002.
- José Madeira Bárbara, *Pelas Veredas da Tarde* (prefácio de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Aríon Publicações, 2003.
- «Um poeta romântico», in *Mealibra, Revista de Cultura*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, n.º 14, série 3, Verão de 2004, p. 57.
- «À conversa com Júlio Pomar», in *Mealibra, Revista de Cultura*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, n.º 19, série 3, Verão de 2006, pp. 84-88.
- «Traves mestras do edifício torguiano», in *Agenda 2007 — Miguel Torga*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, pp. 7-15.

ÍNDICE

<i>ESSE TAL ALGUÉM</i> [2001]	9
-------------------------------------	---

Díptico com montagem: SOMOS CONTOS CONTANDO CONTOS:

<i>A PRETO E BRANCO</i> [2005-2006]	57
<i>AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR</i> [2005-2006]	137
<i>COISAS DE MULHERES!</i> [2005-2006]	213

TEATRO PESSOANO

<i>O TEATRO DO SER</i> [1985]	295
<i>PESSOA E BORGES: AS «TRANQUILAS AVENTURAS DO DIÁLOGO»</i> [1987]	371
<i>O PRIVILÉGIO DOS CAMINHOS</i> [1988]	393
<i>PESSOA NORMALIZADO PARA USO DA CEE</i> [1992]	413
<i>A BIBLIOTECA DE CAMPOS</i> [2003]	427

Anexos

Dados de arquivo	435
Bibliografia	449

Vol. I

O teatro do outro: dramas singulares e plurais, por SEBASTIANA FADDA	7
Meu trato com o teatro, por TERESA RITA LOPES	21

TEATRO PESSOAL

<i>TRÊS FÓSFOROS</i> [1961]	27
<i>OS PÁSSAROS TAMBÉM</i> [1961]	73
<i>ENCOMENDAÇÃO DE JOÃO CALAFATE</i> [1962]	125
<i>O GRANDE REIZINHO DA PIGMILÂNDIA</i> [1966]	151
<i>AS BARBAS DE SUA SENHORIA</i> [1966-1967]	213
Díptico: EM TRÂNSITO:	
<i>SOPINHAS DE MEL</i> [início dos anos 70]	233
<i>A ARANHA</i> [início dos anos 70-Verão de 2004]	265
Díptico: O AMOR SEM TRÉGUAS:	
<i>RIMANCE DA MAL MARIDADA</i> [início dos anos 70]	291
<i>O AMOR SEM CARA ou SE MENTES</i> [1993]	311
<i>ANDANDO ANDANDO</i> [1987]	325
<i>A PROIBIDA AZUL DISTÂNCIA</i> [1991]	351
<i>A ASA E A CASA</i> [1995]	373
<i>A FORASTEIRA</i> [2000]	403

Acabou de imprimir-se
em Março de dois mil e sete.

Edição n.º 1013363

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

